

RESENHA:**As Reformas na Europa**

LINDBERG, Carter. Trad.: Luís H. Dreher e Luís M. Sander. São Leopoldo: Sinodal, 2001. p. 38-113.

Cap. 2 – A Idade Média tardia: limiar e ponto de apoio das Reformas

A Idade Média tardia caracterizou-se como um período de crise. Catástrofes climáticas, problemas agrícolas, fome coletiva, doenças e pestes, tensões políticas e sociais, bem como inúmeras outras dificuldades mostravam um quadro europeu sombrio que destacava a presença da morte. O medo e a ansiedade provocados por tal conjuntura eram ainda agravados pela crise de credibilidade e autoridade daquela que poderia, em meio ao sofrimento, oferecer sentido e refúgio para a angústia humana, ou seja, a igreja. A corrupção moral, econômica e religiosa exibida por várias autoridades eclesiais colocava em dúvida a pretensa segurança que esta instituição religiosa proporcionava. Assim, a principal crise da era medieval tardia era uma crise de valores.

A Reforma surgiu no contexto eclesial e religioso da Idade Média em que a vida se apresentava frágil e envolta em interrogações. Pecado, morte, diabo, inferno, crise. Por isso, crise também se torna a chave heurística para a compreensão do contexto reformatório do século XVI.

Segundo Oberman a Idade Média tardia experimentou uma crise de símbolos de segurança. Seguranças e valores que sustentavam a vida estavam ameaçados. A vida somente era possível no âmbito do *corpus Christianum*. Portanto, religião não era uma opção pessoal. A Inquisição é, talvez, a maior força de regulação da coesão social. Esta, por sua vez, ao estabelecer o que é verdade e o que é heresia, anula, ou pelo menos limita fortemente, as opções individuais. O conceito de conversão como sinônimo de adesão à determinada igreja, não era conhecido, ao contrário, a religião permeia a vida, era ar que se respira, elemento intrínseco à cultura.

A crise dos símbolos de segurança não foi desencadeada a partir de um acontecimento único, mas eram resultado de sucessivos eventos e desdobramentos, alguns positivos, outros negativos, dentro os quais, o crescimento das cidades – urbanização, a máquina da impressão, o incremento do aparato bélico, as tensões sociais resultantes do incremento do comércio que gerou novos ricos e novos pobres, Renascimento e Humanismo.

Em meados do séc. 14, estava em meio a uma grande crise relativa à agricultura, fome e peste. O incremento da produção de alimentos nos séc. 12 e 13 levava ao aumento constante da população. As cidades, que se desenvolveram na época em decorrência da passagem da economia rural para a economia monetária, atraíram significativo contingente populacional. Por volta de 1320, contudo a fome atingira quase toda a Europa. Enchentes, invernos rigorosos e secos agravaram a situação. Os desastres naturais levaram à inflação.

Fraca e desnutrida a população foi atingida por surtos de febre tifóide e pela Morte Negra: peste bubônica, pneumonia, septicêmica (germes no sangue). Através de pulgas infestadas pela peste, as quais se alojavam em ratos, a peste se alastrou especialmente entre a população das cidades. Contagiadas, as próprias pessoas transmitiam a peste através de tossidas e espirros. Cerca de 30% da população europeia morreu. No período da Reforma, a peste havia abrandado, mas ainda era perigo real. Assim, em 1527, a peste atingiu

Wittenberg, cidade onde residia Lutero. No final do séc. 15, a sífilis apareceu criando sentimento de desamparo e terror nas pessoas.

As pessoas, não sabendo a razão da peste, interpretavam-na como punição de Deus pelos pecados da humanidade. Como forma de expiar os pecados, realizava penitências sangrentas e procissões o que, ironicamente, auxiliavam a espalhar ainda mais a peste.

A peste testou com grande rigor a fé das pessoas. A descoberta do “eu” levou à “matemática da salvação”. Se antes se enfatizava a caridade em favor dos pobres, agora a preocupação passou a ser dotar fundos para o maior número possível de missas em favor próprio após morte. O catolicismo do final da Idade Média era em grande parte um culto dos vivos a serviço dos mortos. Indica que a igreja teve grande capacidade de se adaptar a uma nova situação e que se deixou influenciar pela crescente mentalidade de mercado. Missa era compreendida como preparação para a jornada que conduzia através da morte para o céu. Neste contexto, deve-se compreender o desenvolvimento das doutrinas do purgatório e das indulgências.

A igreja era fiadora dos símbolos de segurança. Por isso a principal preocupação da Idade Média era a garantia de segurança que a igreja oferecia aos crentes. Em meio à crise, no entanto, acabou desprestigiada. Com a ascensão dos nacionalismos e o enfraquecimento da igreja romana, Bonifácio VIII descobriu que o direito divino do papa de coroar o imperador não representava mais controle sobre o âmbito político. Os sucessores de Bonifácio VIII ainda sofreriam a humilhação de serem levados cativos para Avinhão – cativo babilônico da igreja. O retorno a Roma, no entanto, também não significou recuperação do prestígio. Pelo contrário, a igreja se viu envolta em um cisma durante o qual o Ocidente se dividiu em torno de dois, e respectivamente três papas com sedes em Roma, Avinhão e Pisa.

O cisma ocidental somente foi superada pelo Concílio de Constança (1414-1417), ocasião em que, momentaneamente, se derrotou o sistema hierocrático papal. O modelo papista seria logo reintroduzido, de forma a depender o concílio do papa novamente, através de Pio II em sua bula *Execrabilis* (1460), e que mais tarde seria aplicado contra Lutero. Paralelamente, o Ocidente passou a assistir a atitudes imorais e mundanas de papas que podiam ser observadas no clero. Além disso, a fiscalização, através de taxas, impostos, doações e penitências, acabaram por gerar discórdias em relação a Roma, fomentando a Reforma. Hus e Wyclif, que haviam denunciado a situação de mundanismo da igreja, se tornaram exemplos de hereges.

Cap. 3 – O amanhecer de uma nova era

As várias correntes reformatórias precursoras contribuíram para o surgimento do “humanismo” que foi fundamental para a superação da Idade Média européia e para a própria Reforma. Um movimento surgido dentro das universidades, que se empenhava em aplicar o resgate intelectual e crítico das fontes antigas à educação e à sociedade como um todo. Como cita Bernd Moeller: “Sem o humanismo não haveria Reforma.”

O ambiente de Lutero era o mosteiro, um contexto camponês do interior. Como teólogo suas atenções se voltavam para os assuntos ligados à salvação humana. Tendo em vista a crise de valores de sua época, seu movimento reformador não se deu, em primeira instância, a partir do sentimento de indignação frente à imoralidade e corrupção do papado. Suas mais profundas raízes se encontravam na ansiedade pessoal referente à salvação.

O marcante colapso econômico-social aliado às doenças e catástrofes imprimia na mente popular a iminência da morte. Por isso, a igreja procurou minimizar a ansiedade do

povo através da proposição de inúmeras práticas que livrariam as pessoas do inferno. Em consonância com a noção econômico-capitalista que despontava, este sistema meritório colocava o destino futuro nas mãos do próprio indivíduo. Desta forma, o povo era levado a agradar a Deus, agindo da melhor forma possível. Tal empenho seria premiado pela graça divina, que capacitaria as pessoas para ações ainda melhores. Logo, a matemática da salvação era expressa pela fórmula “quid pro quid” (isto por aquilo, toma lá, dá cá) que refletia a nova mentalidade de livro-caixa do burguês. Um cálculo baseado na recompensa.

Contudo, esse sistema só aumentava a insegurança. Como o indivíduo teria certeza que fez o melhor que podia? Como saberia se seus atos realmente agradaram a Deus? A resposta para estes questionamentos avolumava ainda mais a ansiedade: “tente fazer ainda melhor”. Certamente a pressão desse ciclo trazia ao penitente um peso insuportável, que levava ao povo buscar incessantemente a obtenção de méritos, o que certamente contribuía para o sucesso financeiro da venda de indulgências.

“Facere quod in se est” trazia uma interrogação desesperadora: “Como posso saber se fiz o melhor que pude?”, estava fundamentado no princípio aristotélico de que “o semelhante é conhecido pelo semelhante”. Isso implica que Deus é justo, logo o ser humano precisa se tornar justo para ser aceito por Deus. Deus não se alia aos pecadores. Logo, somente existe comunhão com Deus no nível de Deus. Daí surgiu à figura da “escada de virtudes”. Através da mortificação através do habitus, a pessoa se torna ética ao exercitar virtudes morais, e desta forma fomentar a justificação pelas obras.

A entrada de Lutero na vida monástica representava um reflexo dessa busca por segurança. Mas mesmo ali, em meio a suas práticas espirituais – orações, vigílias – que visavam alcançar o favor divino, sua consciência continuava perturbada. Entretanto, as incansáveis tentativas de superação de ansiedade provocadas pela crise de valores, encontraram solução. Através do estudo intenso da língua e da gramática da Bíblia, e principalmente da leitura paulina e da influência das idéias agostinianas, a noção de justiça alcançada pela fé levou Lutero a virar “a piedade medieval” de cabeça para baixo. Ele passou a entender que a salvação não é o objetivo da vida, mas sim seu fundamento. Desta forma, a angústia e crise humana não seriam vencidas pelo esforço em busca de mérito, a segurança só poderia ser alcançada pela aceitação divina independente das ações praticadas. E foi em Romanos 1.17 que Lutero passou a entender: “visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como esta escrito: O justo viverá por fé.”

A linguagem do testamento é promessa incondicional. Segundo a teologia do testamento, o encontro de Deus com o ser humano acontece no nível do ser humano através do auto-esvaziamento de Deus em Cristo. Trata-se de uma iniciativa de Deus, portanto, sem mérito humano. Inverte-se, portanto, a direção e os autores: não da terra para o céu, mas do céu para a terra; não iniciativa do ser humano, mas de Deus.

Quando Lutero publicou 95 teses, cresceu o confronto com a igreja romana, as quais atacavam a venda de indulgências e expunham seu posicionamento teológico. Suas teses foram amplamente divulgadas.

As posições teológicas de Lutero o levaram para uma dieta, assembléia imperial, na cidade de Worms, convocada pelo imperador Carlos V. A igreja exigiu retratação sobre seus escritos, porém, Lutero não pode realizá-la, conforme ele mesmo argumenta: “Não posso e nem quero revogar o que eu disse, a menos que seja convencido de erro por meio da Palavra da Bíblia e por outros argumentos claros, porque não é aconselhável agir contra a consciência. Aqui estou; de outra maneira não posso. Que Deus me ajude. Amém.”

Por causa disso, Lutero foi considerado pelo Estado e excomungado pela igreja, e a partir daí, corria risco de vida. Quando Lutero voltava para Wittenberg, foi raptado por ordem de seu príncipe e levado em segredo para o Castelo de Frederico em Wartburgo, onde foi mantido sob custódia de proteção, por quase um ano.

Luiz Carlos da Silva Filho

Ministro do Evangelho*

Ministério Bíblico Palavra Viva

luizcarlos@mbpalavraviva.org



(0xx51) 9319-1695

* Ministro do Evangelho no Ministério Bíblico Palavra Viva, São Leopoldo/RS. Pós-Graduando Especialização Aconselhamento Pastoral pela Faculdade Teológica Batista do Paraná. Bacharel em Teologia pela Universidade Luterana do Brasil. Membro Associado Conselheiro Bíblico pela ABCB - Associação Brasileira de Conselheiros Bíblicos. Membro Certificado Conselheiro Cristão Pastoral pela IACCP - International Association of Christian Counseling Professionals.